UMA CÓPIA PARA CADA UM

TOMÁS VILAR

NOVELA



Uma cópia para cada um

Tomás Vilar

NOVELA

2019

Data na trajetória ficcional do autor

Edição materializada em 2026
Acervo da Margem 37

Nota desta edição

Uma cópia para cada um integra a bibliografia pregressa ficcional de Tomás Vilar, persona literária criada com ChatGPT. Na trajetória imaginária do autor, esta novela é datada de 2019. O texto foi criado e materializado em 2026 para incorporação ao Acervo da Margem 37.

A data de 2019 pertence à ficção e não indica a existência de uma edição histórica. Os personagens, suas relações, as gravações e os acontecimentos são inventados. A família desta narrativa não é apresentada como a família de Tomás Vilar.

Sumário

A caixa menor 5

O lado da festa 8

A voz no fundo 11

O que Vera lembra 14

A versão para ouvir 17

Uma conversa sem festa 20

Os nomes dos arquivos 23

No apartamento 26

Nota de acervo 29

A caixa menor

André começou pela palavra tudo.

— Dá para salvar tudo — disse, antes de abrir a caixa.

A mãe tinha pedido uma cópia para cada um. Não falara em salvar. Estava ajoelhada diante do armário da sala, separando as coisas que levaria para o apartamento das que ainda precisavam de uma decisão. Havia uma pilha para doação, outra para o lixo e uma terceira que ela não nomeara. André oferecera nomeá-la. Helena pediu que alcançasse uma sacola.

Era sábado. A mudança sairia na sexta seguinte, e a casa parecia mais cheia à medida que os móveis esvaziavam. Sobre a mesa, objetos antes protegidos por gavetas tinham adquirido a urgência de perguntas. Uma chave sem fechadura, dois porta-retratos quebrados, a garantia de uma geladeira que já não existia. André segurou o papel da garantia e disse que aquilo podia ir embora.

— Esse eu sei — a mãe respondeu.

As fitas estavam numa caixa de sapatos, dentro de outra caixa maior. Vinte e três cassetes, segundo a primeira contagem. Vinte e quatro, quando Luiza chegou e encontrou uma debaixo da aba. Algumas tinham nome. Outras, a duração impressa na fábrica. Uma trazia na etiqueta o desenho de uma casa feito por uma criança. André reconheceu imediatamente sua letra no telhado.

— Fui eu — Luiza disse.

Ele virou a fita, procurando uma diferença que pudesse encerrar o assunto. A janela da casa tinha quatro quadrados. Era assim que ambos desenhavam janelas.

Helena não arbitrava mais aquelas discussões com a facilidade de antes. Disse que podia ser de qualquer um, ou de uma prima, e continuou dobrando uma toalha para proteger uma travessa. A possibilidade da prima pareceu excessiva aos dois.

André havia conseguido com um colega um aparelho de som que ainda tocava fitas. Trouxera o computador, os cabos e um pequeno adaptador. Não sabia se todas as ligações funcionariam, mas dispusera as coisas sobre a mesa com a segurança de quem já consultara instruções. Luiza afastou a xícara da mãe. Esse gesto resolveu um risco que ele não incluíra no planejamento.

— Você vai precisar ouvir uma por uma? — Helena perguntou.

— Para passar direito, sim.

— Então vai demorar.

Ele começou a explicar que depois tudo ficaria acessível, organizado, sem depender de um aparelho antigo. A mãe concordou antes do fim. Queria saber se poderia usar a mesa para almoçar.

Combinaram uma ponta para as fitas e outra para os pratos. André criou uma pasta com o sobrenome da família. Dentro dela, fez pastas para aniversários, viagens, Natal e diversos. Luiza olhou por cima de seu ombro.

— E se for uma coisa que não cabe aí?

— Tem diversos.

— Bastante espaço nesse.

Ele considerou responder que qualquer organização era melhor que uma caixa. A caixa estava ali havia vinte anos e, ao contrário do computador, não lhe pedira senha. Preferiu não abrir uma discussão antes de começar.

O pai comprara o gravador quando eles eram pequenos. Gostava de pedir que cantassem e de aproximar o aparelho das visitas. Depois passara a gravar programas de rádio, deixando as

músicas interrompidas por notícias e anúncios. Morrera nove anos antes. Nos últimos tempos, Helena usava as fitas para apoiar a porta de um armário que não fechava direito: empilhava duas caixas plásticas sob o pé mais curto do móvel. André só soube disso naquele sábado, quando encontrou uma das capas rachada.

— Você podia ter falado.

— Você podia ter vindo acertar o armário.

Ela não disse com amargura. Havia conseguido fechar a porta. O problema estava resolvido de uma maneira que não lhe parecera merecer telefonema.

Antes do almoço, o computador registrou os primeiros sons: três estalos, uma tosse e a voz do pai perguntando se estava gravando. André aumentou o volume. Luiza parou de escrever numa caixa de louças. Helena continuou segurando a travessa, sem terminar de embrulhá-la.

O pai perguntou outra vez. Alguém respondeu que a luz estava acesa.

Nenhum dos três reconheceu quem respondera.

O lado da festa

André ouviu a primeira fita inteira com os fones. Achava que a concentração era uma forma de respeito, embora ela também lhe permitisse não participar da discussão sobre quais cadeiras caberiam no apartamento. Anotou os acontecimentos numa folha: canto, parabéns, conversa, música. Aos dezessete minutos, a voz do pai dizia o nome de Luiza. Ele voltou um pouco e escreveu aniversário da Luiza.

A etiqueta trazia apenas “casa”.

No domingo, apresentou um trecho de quatro minutos. Começava com a irmã cantando, passava por uma risada da mãe e terminava antes de alguém arrastar uma mesa. Diminuíra um pouco o chiado. Cortara os espaços em que ninguém falava. O pai aparecia pedindo silêncio para ouvir a menina.

— Ficou bom — Luiza disse.

André esperava que ela dissesse mais. Abriu a pasta e mostrou o nome: Aniversário Luiza, 1993. A data fora calculada pela idade que atribuía à voz e pela lembrança de um bolo com cobertura amarela. Quando explicou, a mãe perguntou onde estava o bolo.

— Na minha memória, mãe.

— Ah.

Aquele ah, pequeno e sem intenção declarada, obrigou-o a justificar o ano. Luiza estava na primeira escola, o pai ainda não comprara o carro branco, eles moravam na casa anterior. Helena disse que a casa anterior tinha uma porta de ferro que batia no corredor. Na fita, ouvia-se uma porta de madeira.

— Pode ser qualquer porta — André respondeu.

— Pode ser qualquer ano também.

Ele acrescentou um ponto de interrogação ao nome do arquivo. O programa não aceitou aquele sinal no lugar em que tentou usá-lo. Por um instante, a restrição pareceu uma opinião a seu favor. Depois escreveu “ano provável”.

Luiza pediu para ouvir depois do corte. André abriu a gravação longa, ainda sem tratamento. Houve o arrastar da mesa, uma conversa sobre gelo e a menina perguntando se podia cantar de novo. O pai respondeu que já estava bom. Ela insistiu. Ele disse, com impaciência, que os outros também queriam falar.

A Luiza adulta riu.

— Eu não largava esse negócio.

André teve vontade de lembrar que o pai era paciente quase sempre. A irmã não o acusara de nada. Foi preciso um pequeno esforço para não defendê-lo de uma acusação que só ele tinha ouvido.

Helena pediu que deixasse tocar. Alguém procurava uma faca. Uma mulher ria longe. Depois, por bastante tempo, havia apenas vozes misturadas, o som de água correndo e a respiração de quem se aproximara do gravador. André baixou a mão até o mouse.

— Aqui não tem nada.

— Tem a festa — Luiza disse.

Não falaram mais por alguns minutos. A fita continuou enquanto Helena repartia laranjas numa tigela. A menina voltou a cantar, agora muito baixo, perto do aparelho. Cantava para dentro do microfone, sem anunciar a ninguém. O fim da música desapareceu num ruído de manuseio.

André não tinha anotado aquela segunda versão. Quando ouvira sozinho, o trecho lhe parecera uma repetição incompleta.

À tarde, Luiza escolheu oito segundos da própria voz e gravou com o celular o som saindo da caixa. Mandou para a filha, que respondeu com três risadas escritas e perguntou se podia usar

aquilo num vídeo. Luiza disse que depois veria. Não achou necessário consultar os outros: era sua voz.

Helena começou a perguntar quem levaria o espelho do corredor. André respondeu sem tirar os olhos da tela que precisavam decidir primeiro como organizar os arquivos. A mãe ficou segurando a fita métrica.

— O espelho tem que sair até sexta.

Ele levantou e foi medir. Descobriu que nunca prestara atenção à largura daquele corredor. Passara por ele durante anos acreditando conhecê-lo.

No computador, a pasta de aniversários continha duas versões da mesma festa. A mais curta se chamava “limpa”. A outra, “bruta”. Antes de fechar a tampa, André trocou a segunda palavra por “inteira”.

A voz no fundo

Na segunda à noite, André levou o trabalho para casa. Precisava devolver o aparelho de som na semana seguinte e preferia fazer as transferências enquanto respondia aos e-mails atrasados. Helena concordou com a condição de que não misturasse as fitas com as dele. Ele não tinha fitas. Ela disse que era modo de falar.

Espalhou as capas no sofá e numerou pequenas tiras de papel. Não colou nada nas etiquetas antigas. Fotografou cada lado, o que lhe deu a satisfação de estar preservando também as incertezas. Na planilha, porém, uma coluna chamada data continuava esperando números.

A fita sete começou com uma entrevista de rádio. Ele reconheceu a voz de um apresentador, mas não o nome. Deixou gravando e foi esquentar comida. Quando voltou, uma mulher dizia que seis meses não eram o resto da vida.

Não era uma voz do rádio. Era a mãe.

André sentou antes de colocar os fones. Havia um ruído contínuo ao fundo, talvez água, talvez vento no microfone. A mãe dizia “Vera” e parava. Recomeçava a frase, como se estivesse gravando uma mensagem para a irmã. O gravador permitia fazer aquilo. André se lembrava de uma fita que chegara pelo correio com a voz de uma prima, mas não lembrava de sua mãe mandar nenhuma.

“Você pergunta se eu tenho coragem. Eu tenho é vontade. Coragem eu vejo depois.”

A frase vinha seguida de uma risada curta. Depois, Helena falava de um quarto, de uma loja de tecidos, de poder passar a semana fora e voltar aos sábados. Não dizia o nome da cidade. Dizia que ninguém ali sabia procurar uma toalha sem chamá-la.

André levou a mão ao controle de volume. Queria ouvir melhor, embora as palavras estivessem claras.

“Não é que eu queira deixar de ser mãe. Eu queria deixar de ser chamada a cada cinco minutos.”

Ao fundo, uma criança a chamava. A coincidência seria engraçada se ele não estivesse tentando descobrir se a criança era ele. Helena respondeu “já vou” e apertou algum botão. Ouviu-se um estalo. A entrevista de rádio voltou no meio de uma frase sobre o preço dos alimentos.

Ele retrocedeu e ouviu tudo outra vez. Depois abriu a planilha e escreveu “Mãe, proposta de trabalho”. Apagou proposta. Não tinha ouvido ninguém oferecer nada. Escreveu “Mãe falando com tia Vera”. Também não era exato: Vera não respondia.

Telefonou para Luiza. Começou dizendo que encontrara uma coisa interessante. A palavra ficou ruim assim que saiu. Explicou que talvez a mãe tivesse pensado em morar fora por algum tempo.

— Quando?

— Não sei.

— Então pergunta para ela.

— Queria saber se você lembra.

Luiza lembrava de uma mala marrom sobre o guarda-roupa, mas a mala estivera lá por muitos anos. Lembrava também de a mãe falar de um curso. Talvez fosse de corte; talvez de desenho. André achou que eram a mesma época. A irmã perguntou por quê. Ele não tinha outro motivo além de as duas coisas ainda não terem uma data.

Não enviou o áudio. Pela primeira vez desde que começara, teve a impressão de que copiar era uma ação diferente de ouvir. Salvou a transferência integral e deixou o nome da fita sete sem assunto.

Jantou diante do computador, sem tocar na comida durante a primeira metade. Depois respondeu aos e-mails. Um deles pedia uma confirmação simples, e André escreveu um parágrafo longo para evitar um sim que não podia dar.

Antes de dormir, lembrou do que costumava contar sobre a mãe: que ela não fizera um curso porque ele tivera bronquite e precisava de cuidados. Não sabia quem lhe contara aquilo. A história chegara à sua vida com a familiaridade das coisas que não precisam apresentar origem.

Tinha repetido a versão numa homenagem de aniversário. Helena sorrira na fotografia.

Ele abriu a imagem no telefone. O sorriso não confirmou nada.

O que Vera lembra

Helena ouviu a gravação na terça, sentada entre duas caixas de livros. Pediu que André tirasse os fones e usasse o alto-falante. Não queria ficar ligada ao computador por um fio enquanto ele observava seu rosto.

Na parte das toalhas, sorriu. Na risada, não.

— Eu falava depressa.

André esperou. A fita voltou ao programa de rádio.

— Você ia mudar de cidade?

— Pensei.

— Por causa de um emprego?

— Também.

Ele percebeu que estava fazendo perguntas que só comportavam uma parte da resposta. Tentou perguntar de outro modo e acabou mencionando sua bronquite.

Helena franziu a testa.

— Você teve bronquite em um monte de ano.

— Eu sei. Mas o curso...

— O curso foi outra coisa. Era à noite, aqui mesmo. Eu fiz três meses.

André não sabia dos três meses. Lembrava da renúncia inteira, não de uma frequência interrompida. A mãe pediu que procurasse uma pasta azul na estante. Havia nela desenhos de peças de roupa, contas, um molde dobrado e o recibo de uma mensalidade. André pegou o recibo como se ele viesse corrigir a gravação. Era de 1991. A fita continuava sem ano.

— Parei porque mudou o horário. E porque achei caro. E porque não gostei muito da professora.

Ela disse isso olhando um desenho. Não estava oferecendo uma versão melhor de si mesma. Parecia lembrar que a professora corrigia tudo com uma caneta verde e deixava os alunos esperando enquanto atendia ao telefone.

— Mas vocês davam trabalho também — acrescentou.

André riu com atraso. Tinha se preparado para ser absolvido ou confirmado. A enumeração não lhe dava nenhuma das duas coisas por inteiro.

Helena quis ligar para Vera. Ele ofereceu fazer a chamada. A mãe já segurava o telefone.

A tia atendeu e perguntou primeiro sobre a mudança. Queria saber se a geladeira caberia no elevador. Helena disse que sim. Só depois falou da fita. Vera lembrou da loja de tecidos, que pertencia a uma conhecida, e do quarto que talvez pudesse alugar na casa de outra pessoa. Não era um emprego certo. Era uma conversa.

— Seu pai não quis — disse a tia, depois que André entrou no assunto.

Helena olhou para ele e pediu que não anotasse ainda.

— Eu também não fui.

— Mas ele não quis.

— E a mulher queria que eu começasse sem combinar direito o pagamento.

Vera insistiu que havia lugar para negociar. Helena respondeu que era fácil negociar o quarto de outra pessoa pelo telefone. As duas ficaram em silêncio, mas não parecia o silêncio de uma briga nova. Parecia um lugar conhecido, onde já sabiam deixar a conversa por algum tempo.

André perguntou se a tia recebera aquela mensagem.

— Recebi uma fita, sim. Sua mãe reclamava do cachorro do vizinho.

Não havia cachorro no trecho que ele ouvira. Vera lembrava de um latido no meio. Helena disse que podia ter gravado por cima. Disse também que talvez fossem duas fitas. Nenhuma delas quis ouvir tudo novamente naquele momento.

Ao desligar, a mãe pediu o telefone e consultou a hora. Tinha marcado com a pessoa que levaria o armário. André ainda segurava o recibo do curso.

— Você não gostou de encontrar isso? — perguntou.

— Gostei de ouvir minha voz. Não gostei muito do interrogatório.

Ele começou a explicar que só queria entender. Helena pegou a pasta azul e guardou o recibo com os desenhos.

— Eu também. Mas hoje o homem vem buscar o armário.

André ajudou a retirar as últimas prateleiras. Atrás de uma delas havia um pente e um botão de camisa. O botão parecia pertencer ao pai. Ele ia dizer isso quando percebeu que a mãe já o pusera numa lata com muitos outros.

Não perguntou de que ano era a lata.

A versão para ouvir

Luiza chegou na quarta com pão, queijo e três dispositivos de memória comprados numa papelaria. Um para cada um. André olhou a capacidade e disse que sobraria espaço. Ela perguntou se ele preferia que faltasse.

Havia levado duas caixas da casa na noite anterior. Uma continha pratos. A outra, papéis que a mãe lhe pedira para examinar. Luiza ainda não abrira a segunda. O apartamento dela também tinha uma cadeira sobre a qual as coisas esperavam destino, embora fosse menos fácil criticar a cadeira quando a visitava.

André trouxe o computador e a caixa de fitas. Terminara boa parte das transferências, mas não ouvira todas com atenção. Seis eram quase só rádio. Duas estavam sem identificação. Uma corria mal no aparelho; ele interrompera antes de arriscar estragá-la. Escrevera isso na lista. Helena perguntou se aquela poderia ficar para depois.

— Pode. Só não vai estar completo.

— Eu não pedi para acabar o mundo até sexta.

Luiza riu. André aceitou o pão que ela lhe ofereceu e afastou o teclado para não cair farelo. A mesa já não tinha toalha: fora empacotada por engano entre os lençóis. Helena disse que comeria assim mesmo, e os dois filhos se preocuparam com marcas de copo num móvel que ela usara por trinta anos.

Ele mostrara à mãe o som inteiro da festa. Agora queria oferecer uma coisa que ela pudesse ouvir sem atravessar longos trechos de rádio, conversas sobre compras e silêncio. Preparara uma seleção de vinte minutos. A mãe aparecia rindo, o pai contava uma história, Luiza cantava, André recitava alguma coisa da escola. Não incluíra a fita sete.

Chamou a seleção de “Família — versão final”.

Luiza leu o nome e pediu que tocasse. Nos primeiros minutos, todos sorriram. André sentiu o alívio de entregar uma coisa que funcionava. A mãe reconheceu a voz de uma vizinha; a irmã lembrou a sequência inteira de uma canção que dizia ter esquecido. Houve um intervalo em que ninguém lhe pediu explicação.

Depois Helena perguntou por que o pai falava logo após aquela risada.

— Para ligar os trechos — André disse.

— Mas eu não estava rindo disso.

Ele abriu o arquivo de trabalho. A risada vinha de outra fita. Usara-a porque fechava bem a música da filha e deixava a entrada do pai menos abrupta. Não pretendia mudar nenhum acontecimento. Na seleção, porém, a mãe parecia rir de uma observação do marido, e ele não soube demonstrar que esse efeito era menor do que sua intenção.

— É uma montagem, mãe.

— Eu entendi. Foi por isso que perguntei.

Luiza pediu que tirasse a risada daquele lugar. André respondeu que, se fossem exigir a ordem exata de tudo, não haveria seleção possível. A irmã pegou o pão e não comeu.

— Não precisa ser tudo. Só não precisa fingir que uma coisa respondeu à outra.

Ele não gostou do verbo fingir. A mãe também não parecia satisfeita com a escalada. Disse que gostara de ouvir o pai contando a história e que poderiam deixar um espaço entre os trechos. André acrescentou dois segundos de silêncio. Pareceu-lhe uma alteração grande para resolver uma objeção pequena; ao ouvir novamente, percebeu a diferença.

Foi então que o telefone de Luiza tocou. A filha enviara o vídeo. Sobre uma imagem da casa antiga, a menina de muitos anos

antes cantava desafinada. Uma legenda dizia “minha mãe sempre foi dramática”. Ao fundo, quase encoberta pela música acrescentada, Helena mandava alguém sair de perto da panela.

Luiza mostrou primeiro à mãe, esperando que ela risse. Helena perguntou quem podia ver aquilo.

— Ela ainda não postou.

— Então pede para tirar minha voz.

A irmã de André começou a dizer que mal dava para ouvir. Parou depois de algumas palavras. André reconheceu com uma satisfação inadequada o instante em que outra pessoa descobria o tamanho de uma alteração pequena.

Luiza percebeu seu rosto.

— Pode guardar esse sorriso.

Ele baixou os olhos. Ela escreveu à filha. O telefone vibrou pouco depois: tudo bem, faria de outro jeito.

Comeram o restante do pão. André tirou a palavra final do nome do arquivo. Helena pediu para ouvir novamente o trecho em que o marido procurava os óculos. Ninguém tinha selecionado aquele. Era de uma gravação longa, no meio de uma conversa sem ocasião especial.

Ele levou algum tempo para encontrar.

Uma conversa sem festa

Os óculos estavam sobre a cabeça do pai. Era o que todos diziam ao mesmo tempo, rindo, enquanto ele insistia que já procurara ali. Na gravação, havia uma cadeira arrastada e o pai, afinal, rindo também. O trecho durava menos de um minuto. Depois ele perguntava se alguém queria café.

Helena pediu que continuasse.

André havia transferido aquela fita na madrugada anterior. Sabia que, mais adiante, haveria uma discussão sobre dinheiro. Ouvira o começo e depois abaixara o volume para atender uma ligação. Quando retomara, os pais falavam de uma conta que ele não conseguira identificar. Na planilha, escrevera “conversa em casa”.

Era uma descrição correta e pouco informativa. Ele começava a desconfiar de que gostava dessas descrições pelo mesmo motivo que criticava a caixa de diversos.

Na fita, o pai dizia que Helena devia ter avisado antes. Ela respondia que avisara duas vezes. Nenhum dos dois gritava. A irritação vinha de algumas palavras repetidas como se bastasse acentuá-las para que finalmente passassem a significar o que deveriam.

Helena inclinou a cabeça para ouvir.

— Era a máquina de costura — disse.

André tinha pensado no curso, embora agora soubesse que o curso podia não ter nada a ver com aquilo. Luiza se aproximou da mesa. A mãe pedira dinheiro emprestado à irmã para comprar uma máquina usada. O pai achava que tinham combinado esperar. Na resposta de Helena, uma palavra desaparecia sob o ruído.

André voltou alguns segundos. Tentou ouvir de novo.

— Acho que ela diz “não” — Luiza falou.

— Eu sou ela — a mãe disse.

A irmã pediu desculpa. Helena sorriu, mas não ofereceu a palavra ausente. Não lembrava daquela conversa em particular. Lembrava da máquina, que tivera um pedal duro e durara muito tempo. Lembrava de devolver o dinheiro a Vera. Sobre o combinado com o marido, disse que naquela época cada um saía de uma conversa levando um acordo diferente.

Na gravação, o André menino interrompeu os dois para mostrar um desenho. O pai pediu que esperasse. A mãe perguntou o que era. Ele disse que era uma casa com um andar a mais.

O André adulto olhou para a fita com o desenho no telhado. Estava entre as outras, deitada junto ao computador. A descoberta deveria satisfazê-lo. Em vez disso, sentiu vergonha de quanto desejara saber de quem era a letra.

Luiza pegou a capa e examinou.

— Pode ser a sua mesmo.

— Pode.

Não era a mesma fita. O desenho ouvido podia ser outro. Nenhum dos dois acrescentou essas ressalvas. Tinham aprendido o bastante para que a dúvida também pudesse descansar.

Helena pediu que parasse quando ouviu a irmã ser mencionada. Disse que queria escutar o resto sozinha.

André explicou que já tinha a gravação no computador. Ouviu a própria frase e percebeu que ela não respondia ao pedido. Tirou os fones da mochila e entregou-os à mãe. Mostrou como pausar. Luiza chamou-o para levar duas caixas ao carro.

Do corredor, ele via Helena junto da tela. A mãe não parecia menor diante do aparelho. Parecia ocupada. Foi uma diferença

que só notou porque vinha tratando seu trabalho como uma assistência oferecida a alguém que não saberia fazê-lo.

Quando voltaram, ela tinha parado a reprodução.

— Essa parte fica comigo por enquanto.

Luiza concordou. André perguntou a partir de onde. A mãe mostrou um ponto aproximado. Ele disse que, para cortar, precisava de um ponto certo.

— Então vem ouvir comigo.

Sentaram lado a lado. A discussão da máquina já terminara. O pai falava agora de Vera, de um dinheiro e de uma pessoa cujo nome Helena pediu que não circulasse. André não conhecia a história. Entendeu o suficiente para saber que poderia passar a tarde fazendo perguntas.

Marcaram o começo e o fim. Helena não pediu que apagasse a fita. Pediu que não entregasse aquele trecho nas cópias dos filhos antes de falar com a irmã. A ordem era provisória, mas não por isso menos clara.

— E o resto? — André perguntou.

— O resto vocês podem levar.

Ele separou os arquivos. No lugar do intervalo, deixou um aviso curto de que havia um trecho não incluído a pedido de Helena. A mãe leu e pediu que tirasse seu nome.

— Eles vão saber que fui eu.

— Então por que tirar?

— Porque eu estou pedindo.

André apagou o nome. Luiza, atrás deles, segurava a fita métrica e esperava que um dos dois lembrasse das caixas no corredor.

Os nomes dos arquivos

Na quinta, a casa perdeu as cortinas. A sala pareceu aumentar sem oferecer nenhum lugar novo para guardar as coisas. Helena colocou as hastes junto à porta, amarradas com barbante. Não serviriam nas janelas do apartamento, mas a vizinha as buscaria à tarde.

André abriu o computador no único canto da mesa ainda disponível. Queria terminar a organização antes de copiar. Havia transferido vinte e três fitas. A que corria mal continuava na capa, com uma tira de papel dizendo “não transferida”. A mãe escolhera levar todas, inclusive as de rádio. Ele calculou o espaço que ocupavam e percebeu que a caixa era menor que um par de sapatos.

Os arquivos, ao contrário, exigiam uma conversa comprida.

Luiza não queria receber uma lista numerada sem saber o que ouvir. Helena queria achar a voz do marido sem pedir ajuda. André queria que uma pessoa, anos depois, pudesse entender o que fora feito. A pessoa de anos depois não estava presente para dizer de que precisava, o que lhe dava certa liberdade para falar por ela.

Começou a propor nomes longos, com datas, pessoas e descrições. A irmã perguntou se no telefone apareceria tudo aquilo. Ele experimentou enviar um arquivo. O nome ficou cortado antes da parte que considerava importante.

Helena sugeriu “fita dos óculos”. Era impreciso, mas os três sabiam o que significava.

Fizeram uma lista em papel também. Número da fita, frase da etiqueta, alguma coisa que ajudasse a reconhecer. Onde havia dúvida de ano, escreveram sem data. André quis acrescentar as

hipóteses numa folha separada. A mãe disse que podia, desde que não fossem parar no título.

Na descrição da fita sete, escreveu: “Helena considera passar uma temporada fora, por trabalho”. Leu em voz alta.

— Por trabalho e por querer — ela corrigiu.

Ele acrescentou as palavras. Depois perguntou se aquela gravação entraria nas cópias. A mãe levou algum tempo. Luiza continuou dobrando um pano, sem ajudar na resposta.

— Pode entrar. Mas eu não quero esse pedaço sozinho rodando por aí.

André disse que não enviaria. Luiza também. Não assinaram nada. Havia coisas que os três tinham como combinar, e coisas que dependiam de continuar confiando depois que cada um levasse seu dispositivo.

A seleção curta ficou numa pasta chamada “para começar”. As transferências inteiras, exceto o intervalo reservado da conversa sobre Vera, ficaram em outra. André anotou a existência do intervalo na lista, sem explicar seu conteúdo. Fez para a mãe uma pasta separada com o trecho. Ela quis saber se o pai ficaria parecendo melhor na seleção. Ele disse que não era esse o critério.

Helena ouviu o nome “para começar” e perguntou:

— Começar por quem?

André olhou a ordem das faixas. O pai abria o conjunto, os filhos vinham depois, a mãe encerrava com uma risada. Não escolhera conscientemente aquela distribuição. Isso não impedia que a tivesse escolhido.

Mudou a primeira faixa para a canção baixa de Luiza, a que ocorria depois da festa. A irmã gostou. Helena pediu que a risada fosse substituída pelo trecho em que explicava uma receita à vizinha. Não era uma fala especialmente memorável.

Precisava ter mais pão velho do que parecia razoável, e ela corrigia a quantidade no meio.

— Essa está inteira? — perguntou.

Estava. André a incluiu. A seleção passou de vinte minutos e terminou com uma dúvida sobre o forno.

Já era tarde quando copiaram os arquivos. Os três dispositivos pareciam iguais, por isso Luiza pôs uma etiqueta em cada um. Helena não quis o nome abreviado. André esperou enquanto a irmã procurava espaço para as seis letras.

Depois testaram. O computador de André abriu tudo. No aparelho pequeno que ele trouxera para a mãe, uma das faixas não tocou. Ele conferiu, refez a cópia e testou novamente. Enquanto esperavam, Helena começou a fechar a caixa de fitas com uma tira de fita adesiva.

— Não fecha ainda — ele pediu.

Precisava fotografar a última etiqueta. A mãe soltou a ponta devagar para não rasgar o papelão.

Ele tirou a foto e segurou a caixa para que ela terminasse.

No apartamento

Na sexta, André chegou antes do caminhão. Levou café numa garrafa e percebeu que não havia xícaras disponíveis. Helena abriu uma caixa que parecia já ter sido aberta muitas vezes. Luiza disse que deviam ter deixado um jogo separado. Todos concordaram com a ideia depois que ela deixara de ser útil.

A mesa saiu de lado pela porta. Durante a manobra, André segurou o computador contra o peito, embora ninguém estivesse perto de esbarrar nele. A mãe acompanhou a mesa até o portão e pediu que protegessem um pé já lascado. Tinha escolhido levar o móvel para o apartamento, mesmo que ocupasse boa parte da sala. Não queria que o lugar novo fosse composto apenas do que sobrasse depois das medidas.

As fitas foram no carro de Luiza, junto com a planta da janela e uma sacola de roupas. André perguntou pelo dispositivo da mãe. Estava na bolsa. A lista de gravações ia dobrada dentro de uma agenda. Ele ia sugerir outro lugar, mas Helena tinha fechado o zíper.

No apartamento, a mesa ficou perto da janela. Precisaram afastá-la duas vezes até encontrar uma posição que permitisse abrir a porta da varanda. As cadeiras eram quatro. Caberiam visitas, desde que uma delas se levantasse para outra passar. Luiza disse que isso acontecia em quase toda família. A mãe respondeu que ao menos ali ninguém teria de atravessar o quintal para buscar outra cadeira.

Passaram a manhã desembalando o que seria usado naquele dia. O resto ficou empilhado no quarto menor. André instalou o aparelho que tocava os arquivos e mostrou à mãe os botões. Ela pediu que repetisse a diferença entre parar e voltar. Ele repetiu sem dizer que já explicara.

Almoçaram comida comprada na esquina. Havia um gosto de alho que Helena aprovou e Luiza achou forte demais. André comeu distraído, olhando o lugar em que o sol terminava no piso. Não sabia em que horas aquela sala teria luz. A casa antiga parecia lhe oferecer uma segurança que, pensando bem, também fora aprendida aos poucos.

Depois do almoço, a mãe pôs uma gravação para tocar. Escolheu pelo número e encontrou um programa de rádio. Procurou na lista, apertou o botão outra vez e chegou à festa. O pai perguntou se estava gravando. Alguém respondeu que a luz estava acesa.

— Essa voz é da Célia — Luiza disse.

Helena ouviu novamente. Achou que podia ser. André procurou a linha correspondente na lista. A mãe pousou a mão sobre o papel.

— Depois você escreve.

Ficaram ouvindo sem procurar o resto dos nomes. O gravador antigo captara os talheres melhor que algumas pessoas. Na sala nova, o som dos talheres se misturou ao dos pratos que Luiza levava para a pia.

André queria perguntar se a mãe estava contente com as cópias. A pergunta lhe parecia necessária para encerrar o trabalho e inconveniente para qualquer resposta que não fosse sim. Pediu mais café.

Ao sair, levou as hastes de uma cortina que a vizinha não buscara. Luiza ficou para ajudar a arrumar a cama. No elevador, André viu no telefone uma mensagem da irmã: a filha fizera outro vídeo, agora só com a canção. Queria saber se ele gostaria de ver antes. Respondeu que sim. Em seguida acrescentou que Luiza devia perguntar à mãe também, se aparecesse a casa. Apagou a segunda mensagem antes de enviá-la. A irmã sabia fazer perguntas.

Em casa, guardou o aparelho emprestado numa sacola para devolver. A caixa de fitas já não estava com ele. Abriu a pasta e encontrou a seleção, as transferências, as fotografias e a lista. Procurou por hábito alguma coisa que ainda precisasse de correção. Havia várias: uma data por descobrir, uma palavra encoberta, a voz de Célia ainda sem certeza.

Fechou a pasta sem alterar os nomes.

Mais tarde, Helena telefonou. André atendeu esperando uma dúvida sobre os botões.

— Você levou a faca de pão?

Ele procurou entre as coisas que trouxera. Estava embrulhada num pano, dentro da sacola com a garrafa de café. Disse que levaria no dia seguinte.

Ao fundo, ouviu sua voz de menino perguntando por que a casa do desenho não podia ter mais um andar. A mãe da fita respondia alguma coisa baixa. André pediu que Helena aumentasse um pouco.

— Espera que eu estou cortando uma coisa.

Ele esperou. Ouviu uma gaveta abrir, o telefone ser pousado e o ruído de uma cadeira. Quando Helena voltou, a gravação já tinha passado daquele ponto.

— Quer que eu volte?

André olhou a faca sobre a mesa. No dia seguinte teria de sair cedo se quisesse chegar antes do almoço. A mãe não gostava de esperar com a comida pronta, e ele não tinha por que fazê-la esperar.

— Amanhã a gente ouve.

Nota de acervo

Tomás Vilar é uma persona literária fictícia criada com ChatGPT, e Uma cópia para cada um é uma obra produzida a partir dessa persona.

Data na trajetória literária ficcional: 2019.

Criação, materialização e incorporação ao Acervo da Margem 37: 2026.

Esta novela integra a bibliografia pregressa ficcional do autor.

Margem 37 — Para histórias à procura de uma margem.

Projeto idealizado por Lis & Lev.